



## LEITURA DAS RELAÇÕES ECUMÊNICAS NO SÉCULO XXI

Solange Depieri de Souza<sup>1</sup>

Luiz Alexandre Solano Rossi<sup>2</sup>

**RESUMO:** Ecumenismo é a busca fraterna da superação das divisões entre os cristãos, através do conhecimento e reconhecimento da legitimidade dos mesmos. É buscar no diálogo, a unidade e a integração entre os cristãos, pautado na mensagem evangélica. O estudo deste tema foi motivado em virtude da resistência de adeptos nas diversas instituições eclesiais, a respeito do ecumenismo, o que ocasiona um péssimo relacionamento entre cristãos. O movimento ecumênico vem sendo praticado, por aqueles que passaram a conhecê-lo, há mais de séculos. Não obstante todo esse tempo, a compreensão comum apresenta um conceito não verídico do seu significado. O presente estudo teve como objetivo conceituar o ecumenismo de forma clara, respaldado na ótica de alguns autores, e desta forma entendê-lo como instrumento para unidade dos cristãos; abordou, também, informações acerca do que não é ecumenismo. A metodologia utilizada neste trabalho foi à pesquisa bibliográfica. Ela nos levou à abordagem sobre os avanços e recuos no movimento ecumênico, bem como objetivos e ações do CONIC, (Conselho de Igrejas Cristãs do Brasil), sua importância para o Movimento Ecumênico e Igrejas que fazem parte do referido movimento. Na conclusão do trabalho ficou clara a necessidade de se desmistificar o conceito errôneo sobre ecumenismo, nos diversos cristianismos, para que, conhecedores do assunto possam vir a praticá-lo com a certeza de estarem somando com os demais cristãos que buscam a união e paz nos ensinamentos do Pai.

**PALAVRAS-CHAVE:** conhecimento, diálogo, integração.

## ECUMENICAL RELATIONS IN THE 21<sup>st</sup> CENTURY

**ABSTRACT:** Ecumenism is the fraternal search for overcoming the division among Christians, through knowledge and recognition of their legitimacy. It is a search in dialogue for unity and integration among Christians, based on the Evangelic message. The present study was motivated by the resistance of followers of different ecclesiastic institutions, about ecumenism, what has been causing a terrible relationship among the believers of Christ. Those who really know the meaning of ecumenism have participated in the Ecumenical Movement for centuries. However, the common comprehension regard ecumenism has shown a non-veridical concept about its real meaning. The present study aimed to clearly conceptualize ecumenism based on the vision of some authors and understand it as an instrument for Christians' unity. It also raised information about what it is not ecumenism. The methodology used in the present study was the bibliographical research. It led us to deal with the advances and retreats on the Ecumenical Movement as well as the goals and actions of CONIC and its importance to the Ecumenical Movement and churches that participate in it. It is clearly verified in the conclusion of the present study that there is a necessity of demystifying the wrong concept of ecumenism in different Christianities so that, once people start knowing the subject better, they will participate in it, certain that they will be uniting themselves with other Christians that search unity and peace in the Father's words.

**KEY WORDS:** knowledge, dialogue, integration

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Teologia do CESUMAR, Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC)

<sup>2</sup> Docente do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), orientador.



## 1. INTRODUÇÃO

A história do cristianismo contempla um período que ultrapassa dois mil anos. Desde seu início existiram pessoas que saíram para além da Europa no trabalho de evangelizar outros povos. Missionários chegaram ao Sul da Índia poucas décadas depois da morte de Jesus Cristo. A evangelização atingiu também a Etiópia e o Norte da África, o Oriente Médio e a Ásia Menor.

A partir do final do século XV e efetivamente no século XVI o cristianismo chegou à América, à Ásia e à África. Dessa forma atingiu a universalidade, a catolicidade da Igreja, que se traduz na catolicidade da fé.

A razão para o desenvolvimento missionário e sua expansão foi Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou para a salvação do homem, começando a partir daí a propagação do cristianismo.

A nova religião, a fé depositada no Deus Único, não impediu que desde os primeiros tempos da história da Igreja surgissem cismas que dividiam as comunidades cristãs. O “marcionismo e o arianismo”<sup>3</sup> são alguns dos responsáveis por isso. Sem dúvida, as divisões sempre causaram tragédia e dor. As divisões que marcaram e até hoje marcam as Igrejas são as que aconteceram entre os séculos XI e XVI.

Não existe rompimento sem dor. À medida que os evangelistas caminhavam levando o cristianismo para povos que viviam fora da Europa e do Oriente Médio, tomaram conhecimento da proporção da tragédia que era o fato de estarem divididos.

A maior prova de amor de Deus foi enviar seu Filho, o Unigênito do Pai, para que, encarnado como homem, renovasse o gênero humano e o resgatasse na unidade. Por isso Jesus orou ao Pai dizendo:

“a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós, somos um: Eu

neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim”. (Jo 17: 21-23).<sup>4</sup>

Encontramos também na carta de São Paulo aos Colossenses o projeto de Deus, quando o Apóstolo ressalta a necessidade de se tornar um homem novo, para entrar no novo tempo aberto por Deus através de seu Filho Jesus, e alerta:

“Não mintais uns aos outros. Vós vos desvestistes do homem velho com as suas práticas e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador. Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre mas, Cristo é tudo em todos. Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão, de bondade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros, e perdoadando-vos mutuamente, se alguém tem motivo para queixa contra o outro; como o Senhor vos perdoou, assim também fazei vós. Mas sobre tudo isso, revestiu-vos da caridade, à qual fostes chamados em um só corpo. E sede agradecidos”. (Cl 3:9-15).<sup>5</sup>

São mais de vinte séculos de evangelização levando o cristianismo aos povos; mais de nove séculos confundido os povos, após a divisão, com a pregação de um “Cristianismo” onde homens novos são chamados a viverem a unidade num **“Cristo que é tudo em todos”** mas cujos missionários não praticam o que pregam, competem entre si, estão separados e sem comunicação.

Era e continua sendo tão grande o absurdo das divisões entre as Igrejas que a partir do século XIX, entre os vários movimentos missionários, explodiu a necessidade de se retornar às origens e “reancorar” no propósito de Deus: **a unidade dos cristãos**, todos

<sup>3</sup> O período até o Concílio de Nicéia (100-325) foi marcado por controvérsias sobre a divindade de Jesus. O arianismo foi um desses movimentos, que teve por idealizador Ário de Alexandria, que começou a ventilar suas idéias, em 318. Ário “acentuava de tal maneira o caráter unificado e eterno de Deus Pai, que o Filho foi reduzido a uma posição inferior”. Marciano, imperador romano do oriente, convocou em 451, um concílio ecumênico para “pôr fim às disputas e estabelecer a verdadeira fé mais claramente para sempre”. Com o Concílio de Nicéia (325), pensou-se ter resolvido o problema, ao afirmarem “claramente a divindade de Jesus Cristo, especificando que Ele era “Deus de vero Deus” e “da mesma substância” que o Pai. Porém, com base nessa declaração, surgiram novos problemas. Se Jesus era plenamente divino, como ele era humano? E se Jesus era tanto humano quanto divino, como coexistiam essa humanidade e essa divindade?”(NOLL, Mark A. Momentos Decisivos na História do Cristianismo. São Paulo: Cultura Cristã. 1ª ed. 2000. p. 53 e 72).

<sup>4</sup> Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1888.

<sup>5</sup> Idem, ibidem. p. 2057-2058.

os povos num só povo, o povo de Deus. Graças à consciência de pessoas que nunca desistiram de um mundo onde os cristãos preguem e vivam verdadeiramente o cristianismo foi que nasceu o movimento batizado com o nome de **movimento ecumênico**.

## DESENVOLVIMENTO

### 1. O QUE É ECUMENISMO

Num sentido geral, podemos começar entendendo o termo ecumênico como “algo universal que se estende por todo o mundo”.<sup>6</sup> *Ecumênico* é uma expressão utilizada não apenas no mundo cristão, mas também no âmbito político, econômico, cultural, e outros. A palavra tem sua origem no grego. Vem de *oikos*, cujo significado é lugar onde se vive, casa, lugar onde acontece a vida doméstica.

Para ser parte do movimento ecumênico é necessário viver uma disposição de abertura e flexibilidade; estar livre para ir ao encontro do outro, sem muralhas ou couraças. Dessa forma, encontramos em Kung a referência a ecumenismo como “**atitude**”, ao afirmar: “Precisamos, portanto, de uma atitude ecumênica fundamental em que não se vejam as outras Igrejas e teologias como adversárias, e sim como colaboradoras”.<sup>7</sup>

E é verdade. É indispensável que a **atitude** seja de verdadeira colaboração entre as diversas igrejas, respeitando-se em suas diferentes profissões de fé, mas tendo em Jesus Cristo o verdadeiro e único Salvador. Ser ecumênico é ter espírito e mente abertos para que a acolhida ao irmão que professa outra fé seja **atitude** de amor, e aconteça na paz do encontro que virá; é ter a casa preparada para receber a visita.

O ecumenismo não é um perigo à espreita para seduzir e “roubar” pessoas de uma igreja para outra, como num leilão onde quem dá mais leva. Não é uma emboscada para o triunfo de uma crença sobre as demais.

A crença está posta há mais de dois mil anos. A crença é a fé em Jesus Cristo filho de Deus, despojado de si mesmo e feito homem, que viveu e morreu para nos salvar. Mas como praticar seus ensinamentos com informações desconstruídas e interpretações erradas? Como curar o câncer dessas divisões que só aumentam entre as várias igrejas cristãs?

Esse câncer se cura com conhecimento, perseverança, boa vontade e humildade na prática do amor cristão, dando e recebendo testemunho do evangelho. É por isso que precisamos ouvir e escutar os chamados, no sentido de nos reunirmos e nos reencontrarmos. É necessário cada cristão se deixar tocar pelo Espírito Santo, para que se possa atender com urgência ao chamado desse movimento tão necessário nos dias atuais, como encontramos na afirmação de Navarro:

“Movimento suscitado pelo Espírito Santo com vistas a restabelecer a unidade de todos os cristãos a fim de que o mundo creia em Jesus Cristo. Desse movimento participam aqueles que invocam o Deus Trino e confessam Jesus Cristo como Senhor e Salvador e que, nas comunidades onde ouviram o evangelho, aspiram a uma Igreja de Deus, una e visível, verdadeiramente universal, enviada a todo mundo para que este se converta ao evangelho e se salve para a glória de Deus”.<sup>8</sup>

Eis por que nos deparamos com tantos chamados para “orientar o diálogo entre as diferentes concepções de Deus, da Igreja, do ser humano, da vida no planeta, apresentado pelas igrejas e religiões”.<sup>9</sup> É preciso compreender que o nosso compromisso com Deus é muito amplo. Devemos viver em harmonia, sem dúvida, mas nosso compromisso vai muito além. Fomos colocados no mundo para viver, e temos responsabilidade sobre esse mundo. O homem, ao se confrontar e se dividir, foi se enfraquecendo. Hoje precisamos resgatar a religião, a fé, o planeta, o ar que respiramos, a água que bebemos, os alimentos que comemos, a educação dos filhos e a união entre os casais, reinventar a família, enfim, tudo precisa ser revisto, repensado.

O movimento ecumênico abre caminhos para se retornar à casa do Pai. Isso não significa apenas fechar-se em quatro paredes e passar o tempo em oração. Torna-se necessário compreender os caminhos do ecumenismo, que exigem consciência dos desafios que estão pela frente para os que se propõem a percorrê-lo; e ao caminhar, fazê-lo embarcado no “ouvido ecumênico” e no “diálogo ecumênico”. Ecumenismo “é o sopro do Espírito de Deus

<sup>6</sup> SANTA ANA Júlio H. de. Ecumenismo e libertação. Petrópolis: Vozes. p. 15.

<sup>7</sup> KÜNG Hans. Teologia a Caminho, Fundamentação para o Diálogo Ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999 p.66.

<sup>8</sup> J E Desseaux *apud* Navarro, 1983. p. 12.

<sup>9</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 15.

que nos ensina que é possível sermos um, mesmo sendo diferentes. Ele nos mostra que as diferenças que nos separam são significativas, mas, não podem superar o Seu amor que nos une".<sup>10</sup> É preciso aprender a ouvir, porque o chamado de Deus para a unidade dos povos vai ecoar por todos os cantos. O Espírito Santo há de incomodar os corações a ponto de não mais suportarem e curvar-se ao chamado do Pai, que não descansará enquanto todas as suas ovelhas não estiverem reunidas. Nenhum pai se conforma se em sua família existem desentendimentos. Esse "pai" vai lutar todos os dias para que retorne a paz e a harmonia no seu lar.

Nós não fomos criados para viver em desentendimentos ou em guerras. As situações de divisão e confronto não são novas, elas existiram no passado e perduram até os nossos dias. Não é esse o "caminho" ensinado pelo Pai. Cabe a nós refazer esse caminho.

Essa é nossa missão, missão de cristãos. Os apóstolos foram enviados para evangelizar, e nós somos convidados a voltar um trecho do caminho, a nos reunirmos na casa do Pai, partilharmos de sua mesa, e sob a graça do Espírito Santo alcançar a plenitude da unidade almejada por Jesus Cristo.

Encontramos no Documento Vaticano II a declaração: "Por 'movimento ecumênico' entendem-se as atividades e iniciativas, segundo as necessidades e as condições temporais da Igreja, que desperta e inspira a busca da unidade entre os cristãos".<sup>11</sup>

Nos dias atuais, não temos mais tempo para continuar atrelados a um passado e a um presente de divisões. Que os erros, desacertos, confrontos, lágrimas e sangue derramados não sirvam para dar continuidade a acusações e condenações, mas sim, para encontrarmos os melhores caminhos e as melhores soluções para vivermos um verdadeiro ecumenismo.

Sabemos que participar, ser ecumênico, não é fácil, é mais uma vez abraçar uma causa de luta incansável, como o foram as lutas religiosas até os nossos dias. Se algumas igrejas calçaram as sandálias de Cristo nessa missão, é grande o número de denominações que pouco ou nada sabem sobre esse movimento. Olham para o movimento ecumênico como se olhassem para um grande perigo, um poderoso mal, que precisa ser exorcizado.

É diante das grandes adversidades que são encontradas grandes soluções. Que o tempo não seja causa de preocupação. O que urge é que se faça agora o que pode ser feito. Dessa forma já terá ficado sedimentada a parcela de contribuição de cada um na reconstrução de

um cristianismo como o que Jesus Cristo nos ensinou.

Dessa forma, podemos entender que ecumenismo é toda ação, atitude ou movimento em favor do encontro das pessoas e dos povos na fé, no amor, no perdão e na caridade. Ecumenismo é aceitação, é ter consciência de que a fé professada pelo meu irmão poderá ajudar no meu crescimento e evolução. Ecumenismo é sermos membros do corpo de Cristo, todos em Cristo, e com Cristo em Deus.

## 2. O QUE O ECUMENISMO NÃO É.

"O ecumenismo possui uma trajetória mais que secular, contudo a compreensão do senso comum estabelece seu conceito de forma marginal".<sup>12</sup> A consequência disso são idéias pré-concebidas que se transformam em inúmeros obstáculos para o desenvolvimento do diálogo, que é uma das bases para a concretização desse movimento.

Estabelecida esta realidade encontramos inúmeras definições do que não seja ecumenismo, como colocamos a seguir.

2.1 – Ecumenismo não é a fusão de igrejas diferentes. A unidade cristã não pode buscar a fusão de igrejas diferentes, esperando uma uniformidade das diversas estruturas litúrgicas e doutrinárias, com a intenção de transformá-las numa única igreja, uniforme e perfeita.

As facilidades de diferentes tipos de unidade não fazem parte dos objetivos do ecumenismo; ao contrário, são frutos de propostas de unidades resultantes de longo período de estudos, pesquisas e investigações sérias de muitos teólogos, que dedicaram parte dos seus estudos à consideração da Igreja.

2.2 - A grande variedade de práticas cristãs e a discrepância da prática das pessoas em relação à manifestação visível da unidade cristã não condizem com os ensinamentos que se alicerçam na comunhão de Jesus. Não se encontram justificativas teológicas, espirituais ou bíblicas para a existência de tamanha pluralidade de igrejas separadas nesse caminho; igrejas que por si só excluem-se mutuamente umas às outras, interna e externamente. Karl Barth afirma:

"Nesse sentido, um pluralismo de Igrejas significa uma pluralidade de deuses. Não há dúvida de que, à medida que estiver formada por Igrejas diferentes que se opõem

<sup>10</sup> Diversidade e Comunhão. Um convite ao ecumenismo. São Paulo: Paulinas, 3ª ed. 2000. São Leopoldo: Sinodal. p. 32.

<sup>11</sup> VATICANO II, Mensagens Discursos Documentos. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 263.

<sup>12</sup> ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Citação na Introdução do Projeto de Iniciação Científica.

entre si, a cristandade nega na prática o que confessa teologicamente: a unidade e a singularidade de Deus, de Jesus Cristo, do Espírito Santo”.<sup>13</sup>

O desejo de salvaguardar a fidelidade à tradição da própria confissão, manter e conservar a própria identidade não pode ser violado, precisa ser respeitado.

2.3 – Ecumenismo não é colocar em pauta, no foro de suas reuniões, a discussão a respeito de outras confissões que não pertençam ao movimento, bem como das que pertençam e que não se façam presentes.

2.4 – Ecumenismo não é unidade como imposição. A unidade deverá acontecer naquilo que for possível e/ou necessário, tendo-se sempre presente a manifestação da liberdade, obedecendo-se à função de cada um, nas mais variadas formas de vida espiritual, de comportamento, bem como de elaboração teológica da verdade revelada.

2.5 – Ecumenismo não é intitular-se o criador da unidade que Cristo deseja para sua igreja. Não será o ecumenismo o criador dessa unidade.

Essa unidade está fundamentada em Cristo, Senhor e Salvador. Esse Senhor não é Senhor de muitas igrejas, é Senhor da Igreja Una. A Ele pertence o domínio sobre a Igreja. Essa unidade lhe foi dada desde o momento do envio.

“A unidade que nasce do diálogo do Filho com o Pai e tem sua manifestação em pentecostes – mistério da unidade na adversidade – não pode ser perdido, porque é parte constituinte da Igreja. Assim como é santa, católica, apostólica, ela é una. Ou melhor, a Igreja una é santa, católica e apostólica”.<sup>14</sup>

2.6 – Ecumenismo não o não-comprometimento com a fé ecumênica. Isso é inerente às comunidades religiosas que perderam ou nunca aceitaram o núcleo da fé cristã, alicerçados nos credos das igrejas. Essas comunidades religiosas se colocaram à margem do diálogo ecumênico.

2.7 - A rejeição do “diálogo” é fator decisivo ao não-ecumenismo, pois o “diálogo” é a chave para abrir as portas do entendimento em toda e qualquer situação. Sem o “diálogo” não há comunicação, sem comunicação não existe entendimento.

2.8 - Comunidades de estrito regime congregacionista não são ecumênicas, uma vez que estas representam apenas a si mesmas, não lhes interessando a unidade visível de todas as igrejas; fica dessa forma impossível entendê-las como representantes do diálogo.

2.9 - Comunidades fundamentalistas de tradição reformada possuem uma visão equivocada do que seja ecumenismo. Vêem o ecumenismo como negação da essência do cristianismo. São contrárias a quaisquer conceitos que digam respeito à unidade, que sejam propostos em ambiente ecumênico, por verem neles infidelidade à Escritura. Esses são alguns dos conceitos equivocados sobre o movimento ecumênico, que encontramos em nossa pesquisa; conceitos que levam ao entendimento equivocado sobre o movimento ecumênico.

### 3. O MOVIMENTO ECUMÊNICO NO SÉCULO XXI, AVANÇOS E RECUOS

O movimento ecumênico moderno foi concebido no seio de entidades e igrejas protestantes. O século XIX foi muito importante para países protestantes que se transformaram em potências econômicas e políticas mundiais. Isso levou muitas igrejas evangélicas desses países a enviarem missionários e missionárias a grandes regiões não cristãs do mundo, como a Ásia, a África e as ilhas do Oceano Pacífico.

Depois das divisões, vem o desespero das perdas. As consequências foram trágicas, e quem as viveu foram os enviados para proclamar a mensagem cristã. Sentiram a dor de numa mesma cidade ou aldeia descobrirem pessoas de igrejas cristãs diferentes fazendo o anúncio da mesma fé, do mesmo batismo, do mesmo Deus Trino, mas de testemunho dividido. Sentiram logo que algo não estava certo, era como se tivessem perdido o mapa do caminho.

Essa experiência religiosa sensibilizou muitas igrejas evangélicas da Europa e dos Estados Unidos a refazerem o caminho, reaproximando-se cada vez mais umas das outras, inaugurando o grande retorno dos filhos pródigos. O novo caminho havia sido encontrado.

Das várias iniciativas e tentativas, algumas tiveram êxito, outras foram esquecidas, embora todas elas tenham contribuído, de uma forma ou de outra, para o fortalecimento do projeto de unidade.

A certeza de que algo novo estava acontecendo e necessitava de continuidade se manifestou nas várias reuniões internacionais.

<sup>13</sup> NAVARRO, Juan Bosch. Para compreender o Ecumenismo. São Paulo: edições Loyola, 1995. p.24

<sup>14</sup> Idem, ibidem. p. 25.

Os encontros vinham se disseminando, ganhando força, mesmo com oposições e confrontos.

Em primeiro lugar é importante registrar o movimento missionário. Norman Goodall escreveu que o então considerado pai das missões modernas, William Carey, no ano de 1806 propôs que se convocasse todos os cristãos, para uma reunião cujo local seria o cabo da Boa Esperança, sendo prevista para 1810, na proposta essa não seria a única reunião, mas se deveria repeti-la a cada dez anos. Essa idéia foi levada ao amigo Andrew Fuller, que ocupava o cargo de secretário da Sociedade missionária Batista. Fuller, no entanto, não se sensibilizou com a idéia.

“Isto não é mais do que um dos agradáveis sonhos do irmão Carey”, escreveu. Apesar do ceticismo de Fuller, era um fato que, nos campos missionários, os que eram enviados por organizações distantes para proclamar a mensagem cristã tomavam rapidamente consciência de que a maneira competitiva e setorial de realizar a evangelização era um escândalo”.<sup>15</sup>

Em 1888 aconteceu em Londres uma conferência missionária, da qual participaram pessoas de muitos países. Em 1900, semelhante encontro aconteceu em Nova Iorque. As discussões e proposições giravam em torno de se levar o Evangelho até os últimos rincões da terra, uma evangelização que abrangesse todo o mundo habitado.<sup>16</sup> Nesse período surge John R. Mot, um dos grandes pioneiros do movimento ecumênico do século XX. Ele presidia o comitê da juventude. Foi nessa reunião em Nova Iorque que apareceu a palavra “ecumênico”.

Esses encontros foram importantes para preparar o terreno “para se realizar a Conferência Missionária Mundial que teve lugar em Edimburgo, em 1910, a partir da qual surgiu e se desenvolveu uma das correntes mais fecundas que ajudaram o desenvolvimento do movimento ecumênico neste século”.<sup>17</sup>

A exemplo da Europa e da América Latina, também no Brasil o impulso ecumênico veio das igrejas protestantes. Dessa forma, criou-se em 1903 a Aliança Evangélica do Brasil, que recebeu reforço quando da realização da Conferência Missionária Mundial (Edimburgo, 1910), que possibilitou a realização de conferências latino-americanas (Panamá em 1916, Montevidéu em 1925, Havana em 1929). Isso deu origem à criação de uma federação, que pretendia criar uma única Igreja Evangélica no país. Em 1920, a Aliança Evangélica e a Federação se fundiram na Confederação Evangélica de Cooperação – CEB, integrando dessa forma, dezenove entidades entre Igrejas, missões e organizações evangélicas de cooperativas. A CEB teve como reforço no seu ideal ecumênico a filiação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, em 1960. As igrejas-membros se filiaram ao Conselho Mundial de Igrejas – CMI.

Até 1964, do Brasil, apenas as igrejas Metodista e Luterana tinham se filiado ao CMI; a Igreja Episcopal Brasileira passou a fazer parte no CMI em 1965, filiando-se na seqüência a Igreja pentecostal O Brasil para Cristo, em 1968, e a Cristã Reformada, em 1972.

Esses acontecimentos demonstram o amadurecimento dos ideais ecumênicos no protestantismo brasileiro, o que é demonstrado pelos bispos da Igreja Episcopal do Brasil:

“É nosso desejo que todos os episcopalianos sejam informados sobre a obra do Conselho Mundial, e incentivados a divulgar o que ela representa quanto à reconciliação e à renovação do corpo de Cristo... regozijamo-nos com todas as manifestações deste novo espírito de diálogo, de fraternidade e de caridade que mutuamente fortalece. Encaramos o diálogo com os irmãos católicos sem receio e sem preconceitos”.<sup>18</sup>

O Concílio Vaticano II procurou abrir-se para a questão. Subs-

<sup>15</sup> SANTA ANA, Julio H. *Ecumenismo e Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 222.

<sup>16</sup> “Os missionários haviam compreendido, por um lado, que a tarefa de evangelização mundial não podia ser realizada através de esforços isolados, sem coordenação. Naquele tempo existia um grande número de organizações missionárias, algumas com poder suficiente para serem eficazes na ação, enquanto outras animadas unicamente pelo entusiasmo de proclamar o Evangelho de Jesus Cristo entre os não-crentes. O problema que criavam aparecia com nitidez no lugar concreto onde os missionários procuravam levar a cabo sua obra. Todos eles pregavam Cristo, mas estavam interessados em edificar uma comunidade diferente. O nome de Cristo, que devia ser motivo de unidade, fragmentava-se na existência de pequenas igrejas. Geralmente não havia colaboração entre elas. A situação, como se pode ver, era muito pior do que a de Corinto, que mereceu reação tão viva da parte do apóstolo Paulo” (SANTA ANA, Julio H. *Ecumenismo e Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 222)

<sup>17</sup> SANTA ANA, Julio H. *Ecumenismo e Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 223.

<sup>18</sup> WOLFF, Elias. *O Ecumenismo no Brasil. Uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 41. – (Coleção: Caminhos de diálogo).

tituindo a concepção de unidade cristã como retorno dos separados ao catolicismo, “o concílio afirma categoricamente a existência de realidades salvíficas também nos ambientes eclesiais não-católicos romanos (LG 8; UR 3)”.<sup>19</sup>

O Concílio Vaticano II, na década de 1960, acorda a Igreja Católica para as questões ecumênicas “como uma tomada de consciência a respeito de si mesma, da sua natureza, da sua missão e dos desígnios do seu Fundador, Mestre e Senhor”.<sup>20</sup>

A Igreja Católica Romana, passado um período de resistência, acolheu com simpatia o esforço de reconciliação feito pelas igrejas ortodoxas orientais e protestantes. No Concílio Vaticano II (1962-1965) a Igreja Católica passa a reconhecer os valores que fazem parte nas demais igrejas cristãs. Pediu aos católicos a conversão de coração à causa ecumênica; convocou católicos e católicas a deixarem para trás juízos e ações que dificultem as relações entre as pessoas cristãs.

“O movimento ecumênico que se expande sempre mais no Brasil, ganha nova configuração a partir de 1950, com a intensificação da ação de seus integrantes. Já não mais se trata de um diálogo apenas no interior do protestantismo missionário, uma vez que dele participam também luteranos e anglicanos. Além disso, acontecem relações com o Conselho Mundial de Igrejas e, inclusive, com membros da Igreja Católica Romana. Assim, no final desse período observam-se transformações no ecumenismo no Brasil, que adquire outra configuração, graças às novas concepções acerca da unidade e dos caminhos que para ela conduzem, segundo a contribuição dos novos integrantes. Superam-se as fronteiras do protestantismo missionário, o caráter social das relações interconfessionais é fortalecido e intensifica-se o diálogo teológico”.<sup>21</sup>

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, criada em 1952, que até por volta de 1960 acompanhava a distância o ecumenismo interprotestante, com o Concílio Vaticano II muda a ação, iniciando-se as primeiras manifestações ecumênicas explícitas. A partir daí vem-se verificando um crescente desenvolvimento da postura ecumênica da CNBB.

#### 4. CONIC: UMA EXPERIÊNCIA POSITIVA DE ECUMENISMO NO SÉCULO XXI.

Fruto da caminhada ecumênica protestante, juntamente com a nova postura da Igreja Católica Romana, procurou-se criar no Brasil um novo espaço onde pudesse haver convergência de ações.

Vários encontros foram realizados entre dirigentes nacionais de igrejas cristãs. Esses encontros serviram de preparação para o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, que foi fundado em 1982. A partir de então, o CONIC ocupou o lugar de órgão máximo na busca de sintonia na luta pela *oikoumene* cristã no Brasil.

O CONIC concretiza uma nova fase do movimento ecumênico no Brasil. Nele se consolidam as convicções ecumênicas dos cristãos, que há muito tempo vêm buscando um posicionamento em favor da unidade. Essa unidade no movimento consolida também uma definição melhor da metodologia, bem como da estrutura do empenho ecumênico, que tem seus vínculos no diálogo teológico e o pastoral, diálogo de igreja com igreja, bem como diálogo das igrejas com a sociedade.

##### 4.1 O que é o CONIC

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – CONIC,

“é uma associação fraterna de Igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo as Escrituras e, por isso, procuram cumprir sua vocação comum para a glória de Deus Uno e Trino, Pai Filho e Espírito Santo, em cujo nome administram o Santo Batismo. O amor de Deus, a confissão de fé comum e o compromisso com a missão impulsionam as Igrejas membros a uma comunhão cristã mais profunda e a um testemunho comum do evangelho no Brasil, no exercício do amor e serviço ao povo. Respeitadas as diferentes concepções eclesiológicas, as Igrejas membros se reconhecem convocadas por Cristo à unidade de sua Igreja, na certeza da atuação do mesmo Cristo e do seu Espírito nelas e através delas”.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*. p. 42.

<sup>20</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 103.

<sup>21</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do Ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 89-90

<sup>22</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 130.

## 4.2 Seu objetivo/missão

O CONIC tem como objetivos.

- a) colocar-se a serviço da unidade das Igrejas;
- b) estudar e refletir sobre questões de ordem teológica e outras que se constituam relevantes para a unidade e a missão das Igrejas;
- c) favorecer a reflexão e a tomada de posições comuns perante a realidade brasileira;
- e) empenhar-se na promoção da dignidade, dos direitos e deveres da pessoa humana;
- e) desenvolver linhas comuns de ação;
- f) favorecer o relacionamento com entidades congêneres nacionais e internacionais;
- g) atender a outros objetivos que correspondam à sua natureza, a critério da Assembléia.<sup>23</sup>

## 4.3 Suas ações

O CONIC tem em sua base constitutiva três elementos centrais na unidade: 1) a unidade fundamental na fé comum; 2) a responsabilidade pela unidade como vocação comum dos cristãos; 3) a unidade como missão em favor do povo e do mundo. A unidade é vivenciada no serviço, como chamado e incumbência do Evangelho de Jesus Cristo, motivo maior da inserção das igrejas no processo da unidade.

Os estatutos de funcionamento interno do CONIC, afirmam que “os caminhos da recomposição da unidade da Igreja na história se abrem através de estudos, diálogos, reflexão e tomada de posição perante a sociedade brasileira e a promoção dos direitos e deveres do ser humano”.<sup>24</sup>

O CONIC não se restringe à simples articulação de atividades. O CONIC quer ter como atividade maior, ser a resposta à vontade de Cristo pela unidade da sua Igreja, e nessa resposta, ser sinal de arrependimento pelas divisões que existem entre os cristãos; ser sincero na busca da superação de obstáculos para recompor a unidade em Cristo através do Batismo. Sua primeira ação é favorecer a “unidade da Igreja”

## 5. IGREJAS PARTICIPANTES

A criação no Brasil, em 1982, do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC, sela a necessidade de comunhão cristã, motiva-

ção e apoio para todos os que lutam pela queda de barreiras e união entre os cristãos.

Fazem parte do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs: a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a Igreja Metodista, a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, a Igreja Católica Ortodoxa Siriana do Brasil, a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Cristã Reformada do Brasil.

### 5.1 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil – IECLB.

A Igreja de Confissão Luterana do Brasil tem sua origem na Reforma Protestante da Igreja Católica Apostólica Romana, que teve como líder o padre Martin Lutero, na Alemanha, no século XVI.

Rapidamente os pensamentos de Lutero foram difundidos, tendo seus escritos veiculados por uma imprensa criada pelos reformadores. As missas foram reformuladas e celebradas em idioma compreensível ao povo. Com a reforma, padres e freiras deixaram conventos, sendo que alguns optaram pelo casamento. A Santa Ceia (Eucaristia) passou a ser distribuída ao povo - pão e vinho, conforme os ensinamentos de Jesus Cristo. Dos sete sacramentos da Igreja Católica, para os reformadores apenas dois passaram a ser reconhecidos como bíblicos: o batismo e a Santa Ceia. Os príncipes que aderiram aos princípios doutrinários de Martin Lutero foram proibidos por Carlos V de dar continuidade à Reforma Luterana nas igrejas em seus territórios. Isso gerou o protesto dos príncipes luteranos, que por esse protesto contra o imperador e por decidirem continuar a Reforma de Lutero ficaram conhecidos como protestantes. Foi em 1530 que os líderes protestantes escreveram a Confissão de Augsburgo, onde colocaram os principais baluartes doutrinários do luteranismo. Desde a sua origem, é nas comunidades que a IECLB encontra sua base de sustentação. Tendo como idéia a igreja participativa, desejam resgatar a importância das comunidades, bem como a valorização da participação dos membros, instituições e setores que formam a Igreja.

Na Constituição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, encontramos:

#### TÍTULO I - DA DENOMINAÇÃO,

Art. 1º - A IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, a seguir denominada por abreviação “IECLB”, é igreja de Jesus Cristo no País, formada por Comunidades e pelos membros a elas filiados.<sup>25</sup>

#### TÍTULO II - DO FUNDAMENTO E DOS OBJETIVOS.

<sup>23</sup> Base Constitutiva do CONIC, 3-4 apud Wolff, 2002. p. 43.

<sup>24</sup> CONIC. Base Constitutiva e Estatuto. Apud Wolff, 2002. p. 131.

<sup>25</sup> Constituição da IECLB. Disponível em: <http://www.ieclb.org.br/> Acesso em 01/08/2005.

Art. 5º - A IECLB tem como fundamento o Evangelho de Jesus Cristo, pelo qual, na forma das Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento, confessa sua fé no Senhor da una, santa universal e apostólica Igreja.

Parágrafo 1º - Os credos da Igreja Antiga, a Confissão de Augsburgo ("Confessio Augustana") inalterada e o Catecismo Menor de Martim Lutero Parágrafo 2º - "A natureza ecumênica" da IECLB se expressa pelo vínculo de fé com as igrejas no mundo que confessam Jesus Cristo como único Senhor e Salvador.<sup>26</sup>

"A convicção ecumênica da IECLB tem a ver com a sua origem no Brasil. Assim como a Igreja Católica Apostólica Romana, esta Igreja veio ao Brasil como Igreja de imigrantes e não como igreja de missão. Por esse motivo sempre de novo se fazem ouvir vozes que inibem o proselitismo". Não pescar em tanques alheios "é uma expressão muito conhecida em toda a Igreja. A abertura ecumênica muito tem a ver com a nossa origem histórica: Lutero não permitia que se falasse de uma Igreja Luterana, insistia em falar da Cristandade. A nossa Igreja fixou seu compromisso ecumênico na própria Constituição ao afirmar no parágrafo 2º do artigo 5º: A natureza ecumênica da IECLB se expressa pelo vínculo de fé com as igrejas no mundo que confessam Jesus Cristo como único Senhor e Salvador".<sup>27</sup>

Esse testemunho da IECLB torna-se suficiente para compreender quão significativa é sua participação no diálogo ecumênico local. Ela contribui para uma abertura mais intensa das relações, conduzindo o diálogo ecumênico para além do protestantismo missionário. No ano de 1949, a IECLB filiou-se à Federação Luterana Mundial – FLM; em 31 de maio de 1950, ao Conselho Mundial de Igrejas e em seguida a CEB. Desde os tempos do Sínodo Rio-Grandense (criado em 1886), a IECLB tinha como participantes membros da Igreja Metodista em diversas de suas assembleias.

No protestantismo brasileiro, a IECLB é uma das igrejas de maior expressão ecumênica, dentro e fora do país,

"mantendo estreita relação com organismos internacio-

nais, como a Federação Luterana Mundial, tanto com presença significativa nos eventos (na Assembléia da FLM, em Hong Kong, 1997, a IECLB enviou 11 representantes) quanto com a presença de seus membros em funções relevantes na entidade. Na América Latina, a IECLB está integrada ao Conselho Latino-Americano de Igrejas – CLAI, do qual o pastor Dr. Walter Altmann foi presidente até o início do ano 2001, continuando atualmente como primeiro vice-presidente".<sup>28</sup>

Essa prática expressa a seriedade do compromisso ecumênico da IECLB, que valoriza além dos vínculos históricos, a busca de novos parceiros na caminhada.

## 5.2 - Igreja Episcopal Anglicana do Brasil – IEAB.

A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil – IEAB é a primeira igreja não-protestante a fazer parte do movimento ecumênico no Brasil. A Igreja Episcopal Anglicana é resultado da expansão do cristianismo dos primeiros séculos, que aportou inicialmente nas Ilhas Britânicas, estendeu-se até os Estados Unidos no século XVII e chegou ao Brasil em 1890.

A Igreja Episcopal ou Anglicana é ecumênica, por acreditar que, ontem como hoje, o homem continua necessitando estar se encontrando, experienciando e se fortalecendo na sua fé. O ecumenismo está implícito na sua missão como cristão. A Igreja é membro fundador do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC).<sup>29</sup> Participou ainda da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) e do Serviço Interconfessional de Aconselhamento (SICA).

Seu posicionamento ecumênico:

"deve-se às relações que vem realizando desde seu início, com as outras igrejas do país, fortalecido também pelo fato de ser ela a 19ª Província da Comunhão Anglicana, comungando de suas orientações sobre a participação nos esforços pela unidade cristã. No preâmbulo da Conferência de 1886, os bispos anglicanos revelaram a 'profunda tristeza pela divisão do rebanho de Cristo no mundo

<sup>26</sup> Idem, ibidem.

<sup>27</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do Ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 94.

<sup>28</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 95.

<sup>29</sup> Conheça a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Paróquia de Santo Estevão. site by virtually, última atualização: 20/08/2004. Disponível em: <http://www.igrejaanglicana.org.br/pt/paginas/ieab.htm>. Acesso em: 01/08/2005.

inteiro, o qual anseia pela realização plena da oração do Senhor para que a sua igreja fosse uma a fim de que o mundo cresça que o Pai O enviou".<sup>30</sup>

Em 1888, a Confederação de Lamberth estabeleceu quatro elementos. (Quadrilátero de Lamberth) como padrão mínimo para a unidade:

"a fé na Bíblia, que contém tudo o que é necessário para a salvação; o Credo Apostólico – como símbolo batismal, e o Niceno-Constantinopolitano – como declaração suficiente da fé cristã; os sacramentos do Batismo e da Eucaristia; e o episcopado histórico".<sup>31</sup>

A IEAB tem nesses elementos a base para a unidade de todos os cristãos. Dessa forma, para a IEAB, "no quadrilátero encontram-se a doutrina e a fé, a ordem, a eclesiologia, a doutrina da Igreja e o seu ministério".<sup>32</sup> No Sínodo da Igreja Episcopal realizado em 1952, antes da separação da igreja-mãe em 1964, foi aprovado o Manifesto Ecumênico que teve como propositor uma das maiores expressões do ecumenismo anglicano brasileiro, o rev. José Del Nero. O manifesto traz em seu conteúdo a afirmação de que as divisões entre cristãos, constituem-se nas grandes causas de impedimento a conversão dos pecadores, o que tem como resultado, ao invés da conversão, as pessoas serem mais confundidas ainda.

Foi grande a repercussão do Manifesto tanto no interior da IEAB como fora, ficando provada, no anglicanismo brasileiro, à vontade de construir uma *oikoumene* sob a ótica cristã. Em 1966, a IEAB instituiu a Comissão de Ecumenismo, com a responsabilidade de estabelecer relações com outras confissões cristãs. A IEAB é membro-fundador do CONIC.

"Antes de sua paixão e morte, Jesus orou em favor de seus discípulos para que permanecessem unidos, assim como Ele o Pai estavam unidos um ao outro. Assim também os episcopais ou anglicanos do mundo inteiro oram e trabalham para que as igrejas permaneçam unidas em amor e obediência a Deus como um só corpo pelo poder e ação do Espírito Santo". A IEAB é incansável no trabalho ecumênico.

### 5.3 – Igreja Metodista

A Igreja Metodista, como participante do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), faz parte das igrejas que abraçaram o ecumenismo e são fiéis na sua vivência e divulgação.<sup>33</sup>

O movimento metodista surgiu na Inglaterra, no século XVIII, devido uma profunda experiência pessoal do Pastor anglicano John Wesley, com Deus. Porém, como igreja, o metodismo organizou-se primeiro nos EUA. Somente depois da morte do seu fundador o metodismo organizou-se na Inglaterra. Essa igreja traz uma peculiaridade: desde o seu início ela não buscou inovar-se, guardando a teologia anglicana.

Wesley foi proibido de pregar na Igreja Anglicana. Diante disso, em 1739, em Bristol, começou a pregar ao ar livre. Buscou as portas das fábricas e as fábricas de carvão. O ministério de Wesley lançou as bases para a grande reforma da Igreja Metodista que aconteceria futuramente na Inglaterra.

Em 1835 é feita a primeira experiência de fixação do metodismo no Brasil, através de missionários norte-americanos. A grande recessão econômica nos EUA influenciou nos missionários aqui do Brasil e estes não tiveram sucesso. Somente após a Guerra Civil Americana é que os metodistas conseguem vir para ficar.<sup>34</sup>

Os metodistas acompanhavam de perto o movimento ecumênico desde o seu início. No ano de 1937, o rev. Epaminondas Moura fez parte nas Conferências de Vida e Ação e de Fé e Constituição, recomendando ao III Concílio Geral a filiação ao Conselho Mundial de Igrejas (em formação) A Igreja Metodista foi a primeira igreja da América do Sul a fazê-lo, tendo sido a decisão tomada no Concílio Geral da Igreja Metodista, na sessão quadrienal em Piracicaba SP, nos dias 8 a 20 de fevereiro de 1942.

O metodismo desenvolveu seu espírito ecumênico motivado pela obra deixada por João Wesley, que desejava uma fraternidade universal. Em 1960 a Igreja Metodista passou a criar estruturas que a respaldassem melhor, no trabalho do desenvolvimento do diálogo ecumênico: Comissão Ecumênica Intereclesiástica, criada pelo VIII Concílio em 1960, tendo depois sido transformada no IX Concílio Geral, em Comissão Geral de Ecumenismo.

Com essa disposição a Igreja Metodista faz a ponte para se

<sup>30</sup> LAMBERTH Quadrilateral. Apud Wolff, Elias. 2002. p.96.

<sup>31</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 96.

<sup>32</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 97

<sup>33</sup> Idem, ibidem.

<sup>34</sup> História de religiões. Disponível em: <http://www.micropic.com.br/noronha/bibliai.htm> Acesso em: 01/08/2005.



ampliarem as fronteiras do diálogo ecumênico, reforçando relações já existentes e abrindo caminho para o surgimento de novos organismos ecumênicos.

“As fontes normativas para a vivência ecumênica dos metodistas são a legislação, as decisões conciliares e a palavra episcopal. Sua postura ecumênica é fundamentada teologicamente na afirmação de que a Bíblia é o que dá à Igreja a autoridade suficiente para pregar a união e a cooperação. Desse modo, busca-se a formação da comunidade desejada por Cristo e também a missão do metodismo, compreendendo que”<sup>35</sup> “o metodismo é ecumênico por excelência e por isso Deus o comissionou para aproximar os Cristãos das diversas denominações uns com os outros, e todas entre si”.<sup>36</sup>

#### 5.4 - Igreja Presbiteriana Unida do Brasil.

“Os movimentos de cooperação entre as igrejas evangélicas no Brasil, e mais tarde o diálogo com anglicanos e católicos romanos, contaram sempre com o pioneirismo e o trabalho de cristãos presbiterianos. Mas no interior da Igreja Presbiteriana do Brasil – IPB, houve sempre duas tendências em relação ao ecumenismo: uma fortemente ecumênica e outra antiecumênica, esta última marcada pelo denominacionalismo e tradicionalismo”.<sup>37</sup>

De 1884 até a fundação do Conselho Mundial das Igrejas, a primeira tendência teve maioria. A Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos foi organizada por Eduardo Carlos Pereira, cujo objetivo era “auxiliar os nobres esforços dos metodistas, dos batistas, dos luteranos, dos episcopais, dos congregacionais e dos presbiterianos, a todos dando a sua bênção fraternal, na sublime liberdade do Evangelho”.<sup>38</sup>

Os movimentos continuavam. Em 1888, o Sínodo Presbiteriano foi favorável ao Congresso de Oficiais de toda denominação evangélica existente no Brasil. Sugeriu ainda uma aliança evangélica pensando-se na possibilidade, em 1900, de uma união orgânica com a Igreja Metodista, que em 1937, optou pela designação de

Igreja Cristã Presbiteriana, tendo em 1948 se vinculado ao CMI.

Considerando não ser a maioria da IPB envolvida no movimento ecumênico, os oponentes ao movimento ganharam força, abortando muitos movimentos em andamento. Esses posicionamentos contrários colaboraram para muitas divisões. Entre outros, não se submeteu o Presbitério de Jundiá, organizado em 1958, tendo sido afastado da Igreja Presbiteriana do Brasil em 1977. Esse presbitério uniu-se aos de Vitória e Colatina, organizando-se como Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas – FENIP, posteriormente Igreja Presbiteriana Unida, em 1978. Dessa forma a IPU considera o ideal ecumênico como “um elemento que está na sua origem como comunidade cristã, e uma das suas maiores aspirações”.<sup>39</sup>

#### 5.5 – Igreja Católica Ortodoxa Siriana do Brasil.

A Igreja Católica Ortodoxa Siriana do Brasil é a mais nova integrante do CONIC, tendo sido oficializada como membro em 1991. A nível internacional, a Igreja Siriana comunga com as Igrejas de Alexandria, da Etiópia, da Armênia e de Índia. Membro do CMI está em comunicação com a Comunhão Anglicana, as igrejas pós-calcedonianas, Bizantinas e a Católica Romana. Embora as relações das igrejas ortodoxas no Brasil com a CNBB sejam antigas, elas se aproximaram mais a partir de 1980.

Das igrejas pertencentes à linha ortodoxa, apenas a Igreja Siriana, ou ICOSB (nome recebido a partir de 1987) pertence ao CONIC. Dessa forma, ela tem a missão de ser também a ponte para as demais igrejas ortodoxas, no que se refere ao movimento ecumênico. Com o falecimento de Crisóstomo Salama, divisões internas ocorreram, e a tensão leva incerteza ao grupo.

Nos documentos da ICOSB está registrado um compromisso visando à recuperação da unidade visível da Igreja de Cristo, porém a prática deixa a desejar.

A grande expressão ecumênica aconteceu no governo de Salama. Ele representava a ICOSB nos eventos no CONIC. Salama entendia o ecumenismo como “como a conscientização dos cristãos da culpa pela desintegração”<sup>40</sup> da unidade”.

Salama buscava um fundamento para o posicionamento

<sup>35</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 91

<sup>36</sup> IGREJA METODISTA apud Wolff, 2002. p.91.

<sup>37</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 144.

<sup>38</sup> ARAUJO apud Wolff. 2002. p.144.

<sup>39</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 146

<sup>40</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 150.



ecumênico na sua igreja: o Evangelho, o Credo Niceno e a sucessão apostólica. Espera-se que seus sucessores dêem continuidade aos esforços que vinham sendo feitos para uma verdadeira união cristã.

## 5.6 – A Igreja Católica Apostólica Romana

Antes do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica viveu uma reticência em relação ao ecumenismo. Existia um vazio ecumênico na teologia católica romana no Brasil. Isso ocorria no “conteúdo da reflexão”, pois era pensamento na época, que o ministério cristão estava presente apenas nos dogmas católicos. O mesmo acontecia quanto à “forma”,<sup>41</sup> pois acreditava-se que “a explicitação desse ministério só poderia acontecer pela racionalidade da fé segundo os critérios epistemológicos da teologia católica.”<sup>42</sup>

A ausência de diálogo com outras doutrinas devia-se ao fato de a Igreja Católica considerá-las, quase todas como heréticas, verdadeiro perigo à fé. As demais igrejas que as afirmavam eram tachadas de seitas, cujas ações em nada colaboravam para a graça de salvação de seus fiéis.

Outro ponto delicado era a polêmica criada por padres e pastores que alimentava o imaginário coletivo católico, dificultando o nascimento de uma cultura ecumênica. Chegava-se a pensar que dialogar com quem se separou da Igreja Católica era estar de acordo com o desertor. Também se tornou dificuldade o número superior de teólogos e faculdades de teologia católicas, dando a impressão de existir certa desconsideração com o pequeno número de teólogos de outras confissões. Esses são alguns dos pontos que influenciaram a postura tomada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Não obstante, toda essa vivência serviu para o crescimento e o amadurecimento de todos.

Durante o Concílio Vaticano II (1962-1965) a “Igreja Católica reconheceu valores presentes nas demais igrejas cristãs, pediu a conversão de coração à causa ecumênica, convocou católicos e católicas a deixarem para trás juízos e ações que dificultem as relações entre pessoas cristãs”.<sup>43</sup>

Até por volta de 1960, a CNBB (criada em 1952) acompanhava

o movimento ecumênico interprotestante.

“No contexto do Concílio Vaticano II iniciaram-se as primeiras manifestações ecumênicas explícitas, quando os bispos brasileiros participantes do Concílio tiveram a oportunidade de acompanhar as questões relativas à Igreja e ao ecumenismo. A partir de então, percebem crescente desenvolvimento da postura ecumênica da CNBB, marcadas por três elementos bem definidos: a preocupação com a formação da consciência ecumênica; o desenvolvimento de relações institucionais com as outras confissões cristãs; e a publicação de orientações teológico-pastorais sobre ecumenismo”.<sup>44</sup>

A Igreja Católica Romana também é membro atuante no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). “A caminhada ecumênica protestante e o novo posicionamento da Igreja Católica Romana procuraram criar no Brasil um espaço de convergência”.<sup>45</sup>

A Campana da Fraternidade -2005 Ecumênica, coordenada pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – CONIC, veio propor-nos um caminho. O movimento ecumênico é um espaço para igrejas diferentes se conhecerem. Chegando mais perto, vão descobrir valores umas nas outras. É possível aprender com os outros. “ Isso vai em duas direções: cada participante desse diálogo é respeitado e respeita o outro”<sup>46</sup>. É importante estar atento, pois o movimento ecumênico “propõe o diálogo: saber ouvir e saber falar; respeito ao próximo e aceitação”. Enfim, tudo o que está proposto no ecumenismo são atitudes necessárias à boa convivência não apenas enquanto movimento ecumênico, mas no dia-a-dia, na vida de todo ser humano.

## CONCLUSÃO

A história tem demonstrado que a humanidade necessita estar integrada. A divisão pela divisão desarmoniza, desintegra, destrói. O movimento ecumênico nasceu da necessidade de uma to-

<sup>41</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>42</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História Teologia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 156.

<sup>43</sup> Diversidade e Comunhão. Um convite ao ecumenismo. São Paulo: Paulinas, 3ª ed. 2000. São Leopoldo: Sinodal. p. 24.

<sup>44</sup> WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 106.

<sup>45</sup> WOLFF, Elias. O Ecumenismo no Brasil. Uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB. São Paulo: Paulinas, 1999. p.42. – (Coleção: Caminhos de diálogo).

<sup>46</sup> Manual CF 2005 Ecumênica. Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – CONIC. São Paulo: Salesiana, 2005. p. 32.



mada de postura urgente. Era preciso mudar para não chegar a ponto de nos destruímos por causa da religião, como aconteceu no passado e acontece até hoje com alguns povos.

Uma das perguntas mais repetidas: como é possível unir as diferentes religiões? A união que se busca no ecumenismo, “é a união do que pode ser unido”.. Os pontos em comum celebram-se juntos, os que não combinam, não se misturam.

A pesquisa bibliográfica que serviu de base para este trabalho deu-nos a oportunidade de entender um pouco mais sobre o ecumenismo e suas relações no século XXI. Concluímos que o movimento ecumênico é um importante instrumento para a unidade dos cristãos. Nesse mundo globalizado, os cristãos sentem a necessidade de superar a situação de divisão. Torna-se necessária à inclusão de iniciativas ecumênicas em programas pastorais nas diversas igrejas. São urgentes as formações ecumênicas de leigos, religiosos, religiosas, seminaristas, pastores e toda a hierarquia das igrejas. O tema ecumenismo deve ser contemplado nos estudos religiosos, partindo do catecismo. É preciso igualmente estudar uma forma de enfrentar o problema da intransigência e agressividade dos que são contra o movimento.

O movimento ecumênico é a luta de muitos povos, luta de muito tempo. É o desejo da paz, que os textos bíblicos recomendam aos cristãos.

A história nos mostra que o tripé: “conhecimento, diálogo e integração”<sup>47</sup> tem sido a chave para a evolução dos povos. Cabe à humanidade acreditar e caminhar na busca de uma “oikoumene” onde a paz reine entre os homens.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Nova edição revista e ampliada.** São Paulo: Paulus, 2002.

DIVERSIDADE E COMUNHÃO. **Um convite ao ecumenismo.** São Paulo: Paulinas, 3ª ed. 2000. São Leopoldo: Sinodal.

ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA E MONOGRAFIAS. Guia para Alunos de Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu. Cesumar. Diretoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão. – Maringá, 2003.

KUNG, HANS. **Teologia a Caminho. Fundamentação para o Diá-**

**logo Ecumênico.** São Paulo: Paulinas, 1999.

MANUAL CF-2005 Ecumênica. Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – CONIC. São Paulo: Salesiana, 2005.

NAVARRO, JUAN BOSCH. **Para compreender o Ecumenismo.** São Paulo: Edições Loyola, 1995.

ROSSI, LUIZ ALEXANDRE SOLANO. Centro Universitário de Maringá. Relatos. O Imperativo Ecumênico. Ano IV nº 22.

SANTAANA, JULIO H. **Ecumenismo e Libertação.** Petrópolis: Vozes, 1987.

VATICANO II, Mensagens, Discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 1999.

WOLFF, ELIAS. **Caminhos do ecumenismo no Brasil.** História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002.

Histórico de Religiões. Disponível em: <http://www.micropic.com.br/noronha/biblia.html>. Acesso em: 1/8/2005.

Constituição da IECLB. Disponível em: <http://www.ieclb.org.br/> Acesso em: 1/8/2005.

Conheça a Igreja Anglicana do Brasil. Paróquia de Santo Estevão. Disponível em: <http://www.igrejaanglicana.org.br/codigos/pt/paginas/ieab> Acesso em: 1/8/2005.

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Disponível em: <http://www.catedral-anglicana.org.br/coigos/pt/paginas/anglicanismo/ieab.htm> Acesso em: 5/8/2005.

Conheça a IEAB. Disponível em: <http://www.catedral-anglicana.org.br/codigos/anglicanismo/ieab.htm> Acesso em 6/8/2005.

História viva disponível em: [http://www2.uol.com.br/historiaviva/conteudo/materia/mateira\\_12.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/conteudo/materia/mateira_12.html) Acesso em: 7/8/2005.

<sup>47</sup> Idem, ibidem.

